

CAPÍTULO IV – SUPORTAR AS PROVAÇÕES COM NOBREZA CONTRIBUI PARA O CRESCIMENTO DA ALMA

Marozia afastou cuidadosamente qualquer vestígio de agitação e desceu silenciosamente até a biblioteca. O pai estava sentado na poltrona dele, junto à escrivaninha, e o banquinho dela estava posicionado ao lado dele, como de costume. Ela sabia que ele esperava sua visita antes de dormir; aquele costumava ser o momento que passavam juntos. Ela acomodou-se naturalmente em seu lugar de sempre e encostou o rosto no braço dele.

“Ah, é tão bom estar aqui novamente com o senhor!” Com aquele antigo gesto de carícia — meio solene, mas carregado de uma ternura e de uma melancolia subjacentes —, ele pousou a mão alva e fina sobre a testa dela e enrolou as pequenas mechas rebeldes em seus dedos. O amor que ele nutria por ela continha mais melancolia do que alegria. Seu olhar sempre transcendia as sombras, vendo o rosto dela junto ao rosto de seu ideal, envolto em um mistério doloroso. Ao fitar os olhos profundos dele, a alma dela pressentiu uma tristeza; ela estremeceu levemente enquanto segurava a mão dele e a beijava com ternura. Então, com todo o anseio de seu coração concentrado no olhar expressivo, ela perguntou:

– “Pai, o que foi? O senhor precisa me contar.”

Ele passou a mão pela testa e sorriu — um sorriso sereno e paciente. “Contar o quê, minha filhinha?”

– “Você está sofrendo. Há algum problema e eu preciso saber, pai, pois não suporto a expectativa!”

– “Não pense mais nas minhas pequenas preocupações, querida — especialmente esta noite, a noite do seu retorno. Já é uma grande felicidade tê-la aqui. Não quero estragar tudo trazendo sombras.”

Mesmo assim, ela não estava satisfeita. O fato de haver sombras perturbava sua paz. Com o velho sorriso luminoso e transformador, ele falou de outras coisas. Ela o questionou sobre a Sra. Morton, a esposa do reitor, e ele se tornou eloquente enquanto falava.

– “Pai, ela é tão querida! Estou ansiosa para vê-la novamente!”

– “Ela é a mulher mais nobre que já conheci”, respondeu ele calmamente. Finalmente, disse: “As coisas se ajustarão, Marozia, minha filha. Nossa parte é trabalhar com a Vontade Divina. O que significará para nós, daqui a séculos, as provações que suportamos? Importará mais como as suportamos.”

– “Sim, porque suportá-las com nobreza contribui para o crescimento da alma. Além disso, nenhuma experiência nos chega sem que haja alguma lição para aprendermos — ou que não seja o efeito de alguma causa passada.”. Seu pai expressou surpresa.

– “Aprendi muitas coisas no ano passado, meu querido Pai. Conheci um homem maravilhoso em Utica — o Sr. Arlington — e assisti a algumas de suas aulas. Ele ensina uma filosofia de vida que é convincente em seu apelo tanto ao intelecto quanto ao coração. Chama-se Filosofia Rosacruz. Ela corrobora o que o senhor sempre me ensinou, Pai; apenas correlaciona e sintetiza aquilo que, até então, era fragmentário e desconexo.”

– “Seria Teosofia, minha querida?”

– “É a mesma verdade em que se baseia a Teosofia, mas vai além dela. O Sr. Arlington diz que esse ensinamento é para o povo do ocidente. Ele coloca o Cristo acima de tudo, e esses ensinamentos, chamados de Ensinamentos Rosacruzes, são aceitos como os mais elevados já transmitidos ao nós. É o Cristianismo Esotérico.”

– “Sempre me pareceu que essas verdades elevadas deveriam ser formuladas num sistema que pudesse ser compreendido, elaborado e aplicado como qualquer outro currículo.”

– “É, pai. Há um livro que cobre todo o problema da vida e do destino humano. Trouxe um exemplar para casa comigo e estou ansioso para que você o leia.”

– “Ficarei feliz em fazê-lo, querida. Há muito tempo sinto a necessidade de um livro exatamente como o que você descreve. Em todas as filosofias que estudei, parece haver uma lacuna. Algo estava faltando e no silêncio da minha alma tentei preenchê-lo. Muitas verdades profundas me vieram assim e venho tentando elaborar no livro que estou escrevendo”.

– “Como está indo seu trabalho em psicologia, pai? Estou ansiosa para saber.”

– “Está bem encaminhado, Marozia. Espero que possa ser útil para os estudantes da ciência.”

– Certamente será, querido pai. O que me surpreende é que todos esses ensinamentos maravilhosos que ouvi no último ano parecem encontrar um eco dentro de mim. Eles se alinham com todos os seus ensinamentos e os explicam. O Sr. Arlington me disse que isso acontece porque eu recebi as mesmas verdades em uma vida anterior — ou melhor, nós as recebemos — e o conhecimento delas agora é como uma memória revivida.”

– “Isso parece muito lógico, querida.”

Houve um breve silêncio, durante o qual ambos estavam absortos em pensamentos. Mais tarde, ele acrescentou, como desfecho da conversa:

– “Acima de tudo, mantenhamos imaculada a alma em nosso interior, digna de se reunir à Chama Divina. O pensamento de que estamos construindo um futuro glorioso e de que viveremos eras adiante — éons em algumas daquelas estrelas

distantes, brilhando nós mesmos com luz radiante — deve nos dar força para enfrentar qualquer provação, qualquer decepção; sim, qualquer sofrimento, por mais avassalador que seja.”

O orador tomou conta da situação, tornando-se eloquente sob o efeito daquela simpatia calorosa e profunda que ela demonstrava. Ela se iluminou com uma emoção correspondente, à medida que a alma dele triunfava sobre a fraqueza e a dor humanas. Um fogo espiritual brilhava nas profundezas de seu olhar.

– “Nosso pequeno ciclo humano é tão pequeno, tão minúsculo em comparação com o grande destino cósmico que nos espera! Pense, minha filha, a luz de alguns desses sistemas estelares nas profundezas do universo nunca alcançará nosso Planeta enquanto estivermos aqui. A imensidão do espaço, a infinidade da vida, a vastidão dos ciclos astronômicos – o simples pensamento de tudo isso nos dá inspiração para viver nossa pequena vida conturbada! Acalma a turbulência selvagem das nossas tristezas e das nossas paixões humanas. Você se lembra do poema requintado com o anel marcial trovejando em sua doçura lírica que tanto amávamos antigamente, o “*Sic itur ad astra*”, ou seja: “*assim se vai aos astros*” ou “*é assim que se sobe aos céus*”?”.

– “Sim, Pai. Ele nos convoca a nos prepararmos para a batalha. Creio que transmite o ideal de força e coragem.”

– “E força é o de que mais precisamos, minha filha — força e fortaleza. Este poema nos mostra o Caminho e as provações ao longo da jornada. Não nos ilude com falsas esperanças. Se adormecemos, entorpecidos pelas folhas de lótus do prazer egoísta, ele nos desperta, colocando diante de nós a alternativa de integrar a grandiosa procissão de heróis em sua marcha ascendente ou... perder as estrelas.”

Marozia repetiu esse poema em voz baixa, com uma ternura nostálgica em sua voz doce, na qual vibrava uma nova nota de poder:

Sic itur ad astra! Que glória

Contemplar a cúpula luminosa da Terra,

E pensar que, triunfantes sobre a dor,

Encontraremos um lar entre os Planetas!

Voar pelo azul do empíreo

Num voo radiante e arrebatador,

Entoando um hino de júbilo

Sobre tudo o que é alegre e brilhante.

Alto — bem alto acima de cada esfera de ilusão,

Longe — bem longe das guerras rancorosas da vida,

Onde a contenda não chega, nem a confusão;

Oh, como iremos até as estrelas?

Por jardins esmaltados de flores,

Acolhidos entre as árvores mais belas;

Onde a fragrância dos bosques de asfódelos

Espalha perfume em cada brisa.

Por campos de alegria perene,

Onde floresce a felicidade imorredoura,

Onde nenhum fantasma de perigo ou tristeza

Ameaça numa proximidade aterradora.

Onde a preocupação não chega, e nenhuma queixa

Perturba a sensação de serenidade:

Oh, não penses que é assim que viajamos —

Não é assim que vamos às estrelas!

Por bosques cujos recessos labirínticos

Nenhum raio de sol alegre consegue penetrar;

Por desertos cuja solidão pesa

Com silenciosa angústia sobre o coração.

Por vales desconcertantes e sombrios,

Sobre montanhas desoladas, áridas e íngremes,

Onde viajantes de pés doloridos e exaustos

Cumprem uma peregrinação desoladora.

Entre cenas de comoção aterradora,

Como o marinheiro que se agarra aos mastros

Em meio ao caos furioso do oceano!

Assim — é assim que vamos às estrelas!

Sentavam-se em silêncio, tensos pela elevação de pensamentos sublimes e vibrantes com as ondas rítmicas de um arrebatamento poético. Na cadência final, uma nota de triunfo ressoou em sua voz grave e rica, como se ela também, na juventude, visse o Caminho solitário — o Caminho das Dores — e, contudo, olhasse além, com anseio ardente, para a vasta e ilimitada extensão da alma liberta.

Já avançada a noite, Ralph Remington estava sentado à sua escrivaninha, escrevendo como alguém impelido por uma necessidade irresistível. Sua postura denunciava um profundo cansaço. Uma das mãos apoiava-lhe a testa, ocasionalmente passando pelos cabelos — já mesclados de fios grisalhos — que se aglomeravam ao redor dela. Seus dedos abriam-se e fechavam-se em pequenos movimentos nervosos, enquanto o pensamento vibrava em ondas rápidas e cintilantes. Seu rosto era o de um erudito — de um pensador. Contudo, algo mais — algo superior à grandeza intelectual — estava impresso naquela fronte.

O Fogo divino ardia naqueles olhos expressivos e cintilava, como relâmpagos de verão, sobre o rosto móvel e sensível. Era um rosto como aqueles que os pintores adoram estudar e os poetas veem em seus sonhos. Seus pensamentos pareciam inquietos, ao passo que suspiros ocasionais — lentos e profundos, como que vindos das profundezas de uma alma em sofrimento — vibravam no silêncio da tarde. O antigo fogo ardia em seus olhos e lhe corava as faces, mas logo ele parava e pousava a pena, enquanto uma expressão de angústia afastava a luz transfiguradora da inspiração.

Certa vez, ele murmurou:

“Ah, ela nem imagina o pleno alcance disso! Horace Rathburn, seu objetivo, desde aquele dia fatídico, anos atrás, tem sido a minha ruína — e você quase conseguiu. Durma tranquila esta noite, minha filha — e por quantas noites

mais for possível... Que Deus a ajude, Marozia, minha pequena Marozia, pois temo que você tenha nascido para sofrer!”

Com um longo suspiro trêmulo, ele voltou ao seu trabalho.

Quando finalmente se levantou da escrivaninha, sentiu-se subitamente fraco e afundou em um sofá. Tudo ficou escuro por um momento, então sua Mente pareceu despertar, ávida em sua rápida investida em direção a realidades invisíveis. Girando pelo espaço com a rapidez do pensamento, parecia ultrapassar Planetas e sóis — incontáveis sóis — permeados por uma única e grande sensação de liberdade infinita, repouso infinito.

Quando o pequeno fragmento do verdadeiro “Eu”, que pode se manifestar através do cérebro físico, retornou a Ralph Remington, a Lua havia surgido e um longo raio de luz espectral pairava sobre o rosto magro e ansioso. Mas uma mudança ocorreu a ele. Havia uma nova memória – uma memória despertada. Ele trouxe de volta à consciência desperta as experiências daquele voo maravilhoso para Mundos superiores.

Então, ele soube que a imortalidade era um fato. Ao abrir os olhos, uma figura estava sentada ao seu lado. Ele esforçou a vista para enxergar o rosto. Era sereno, benevolente, doce, porém forte. Enquanto se perguntava se a forma diante dele era real ou parte de sua visão, uma voz proferiu estas palavras e a figura desvaneceu-se:

– “Não tenha medo de atravessar o fogo! Este é o caminho para a libertação!”

Marozia, em seu quarto no andar de cima, ajoelhou-se junto à janela aberta e olhou para as estrelas, sussurrando com os lábios trêmulos:

– “Pai, querido Pai, se eu pudesse sofrer por você! Eu mergulharia em um mundo inteiro de miséria e sorriria acima da dor, se eu pudesse, se eu pudesse!”.